

## A Bíblia e o Graal: semelhanças e dessemelhanças<sup>1</sup>

Jean-René Valette  
Université Paris Nanterre

Tradução por Raísa França Bastos  
Université Paris Nanterre

Freqüentemente evocadas, as relações entre a literatura do Graal e a Bíblia<sup>2</sup> situam-se menos no nível da tradição “aristocrática”, inaugurada no fim do século XII pelos romances em verso de Chrétien de Troyes e seus discípulos<sup>3</sup>, do que nas narrativas em prosa, nascidas durante o primeiro terço do século seguinte, aspirando à dignidade de *Hauts Livres*<sup>4</sup> [Livros Ilustres]<sup>5</sup>.

Nesses livros, considerados como diretamente inspirados por Deus, escritos sob o ditado de um anjo ou traduzidos de um libreto composto por Cristo, a cavalaria se apresenta prostrada aos pés da santa cruz. Assim se coloca o *Roman de l’Estoire dou Graal* (ou *Joseph d’Arimathie*) [Romance da Estória do Graal (ou José de Arimateia)], no qual Robert de Boron, em torno de 1200, narra a “invenção” da relíquia do Sangue Precioso, logo batizado Graal: Cristo em pessoa o entrega aos cuidados de José e seus descendentes, missão que eles desempenham na Bretanha das narrativas arturianas.

Deste modo se apresenta igualmente a *Queste del Saint Graal* [Demanda do Santo Graal], em torno de 1220, o mais famoso dos *Hauts Livres*, concebido como um evangelho da Távola Redonda: seu herói, Galaad, comparado ao Cristo “por parecer e não por ser igual [*de semblance ne mie de hautece*]”, substitui-se ao Perceval dos primeiros textos para levar junto em seu caminho aqueles que buscam o Graal.

---

<sup>1</sup> Na língua original, o artigo é construído em torno da oposição entre o termo *semblance*, do francês medieval, significando aparência, semelhança, e do termo *dissemblance*, usual no francês moderno, como equivalente de diferença, disparidade. Escolhemos traduzi-los, para preservar o parentesco sonoro, por “semelhanças” e “dessemelhanças”.

<sup>2</sup> As linhas seguintes mencionarão os principais trabalhos críticos. Sobre este vasto tema, uma obra de síntese ainda está por ser escrita.

<sup>3</sup> Referimo-nos a *Perceval, ou le Conte du Graal* [Perceval, ou o Conto do Graal], de Chrétien de Troyes, e às quatro *Continuations* [Continuações] escritas a partir desse romance inacabado.

<sup>4</sup> “There are two major traditions in twelfth-century Grail romance. The first begins with Chrétien’s *Conte du graal*, the second with Robert de Boron’s *Estoire del Saint Graal*. Since neither romance was completed by its original author, each invited continuations, amalgamations, and adaptations in verse and prose.” (Douglas Kelly, *Medieval French Romance*, Twayne Publisher-Maxwell Macmillan Canada, 1993, p. 20). Para distinguir estas duas tradições, a crítica costuma opôr os adjetivos *aristocrático* e *eclesiástico*.

<sup>5</sup> As palavras em francês medieval foram deixadas na língua de origem, traduzidas somente na primeira ocorrência entre colchetes.

Entre estas duas obras, *alpha* e *ômega* das prosas do Graal, as ficções se fazem ver ou como *estoiros* [estórias], voltadas às origens cristãs do Graal (*L'Estoire del Saint Graal*, primeira parte do grande ciclo de *Lancelot-Graal*), ou como *questes* [demandas] convidando a cavalaria terrestre a se realizar transformando-se em *celestiele* [celestial] ou promovendo a Nova Lei com o ferro da espada (*Perlesvaus*). Tendo por modelo a Bíblia, o romance medieval vive então seus verdadeiros anos dourados pois tal imitação repousa sobre “uma dupla e contraditória ambição: fundar a legitimidade da escrita profana modelando-a *en semblance* [em semelhança] à Sagrada Escritura, mas sobretudo constituir o *romanz* [romance] – e os romances – em uma escrita autônoma” (Baumgartner, 1994: 88). Como explicar esta escrita do contraponto, entre *semblance*<sup>6</sup> e *dissemblance* – semelhança e dessemelhança? Quais são suas implicações<sup>7</sup>?

### **Semblances bíblicas**

A influência do Livro por excelência opera em vários níveis, e primeiramente no plano literal. A *Queste del Saint Graal*, particularmente, é repleta de referências ao Antigo e ao Novo Testamento. A obra se inicia com uma Pentecoste do Graal, cuja narração desenvolve o episódio da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos (At 2), enquanto o rei Mordrain, lembrando a figura evangélica do velho Simeão (Lc 2, 25), morre somente depois de ter esperado para ver Galaad, o cavaleiro que a *Queste* chama de *Chevalier désiré* [Cavaleiro desejado], em reminiscência aos livros proféticos (Ag 2, 8).

As citações bíblicas são abundantes: do livro de Gênesis, dos Salmos, do Eclesiastes, dos Provérbios ou do Cântico dos Cânticos<sup>8</sup>. As palavras pronunciadas pela Sulamita (“Sou negra mas sou bela”) são solicitadas para justificar uma interpretação complexa<sup>9</sup>. É necessário, todavia, observar que a maioria das referências encontram-se no Novo Testamento.

Além das expressões literais, muitos procedimentos dão à escrita da *Queste* uma aparência bíblica. Podemos notar uma certa quantidade de hebraísmos: “o rei dos reis”, claro, como também “a maravilha das maravilhas”, expressão utilizada no momento em que Galaad, que observa o fundo do Graal, vê enfim “o que o espírito não pode conceber nem a língua descrever”, segundo os termos

<sup>6</sup> Sobre a palavra e o conceito de *semblance*, ver Emmanuèle Baumgartner e Nelly Andrieux-Reix, “De *semblance* en *vraie semblance*: exemple d’un parcours du *Merlin* à la *Queste*”, *Comme la lettre dit la vie. Mélanges offerts à Michèle Perret*, dir. Dominique Lagorgette et Marielle Lignereux, *Linx*, numéro spécial, 2002, p. 19-43.

<sup>7</sup> Este estudo retoma em parte nossa nota, “Les romans du Graal”, publicada no dicionário dirigido por Sylvie Parizet, *La Bible dans les littératures du monde*, Paris, Cerf, 2016, vol. 2, p. 1330-1334.

<sup>8</sup> Ver as listas estabelecidas por Yves Le Hir, “L’élément biblique dans la *Queste du Graal*”, *Lumière du Graal*, dir. René Nelli, Paris, Les Cahiers du Sud, 1951, p. 101-109 e por Pauline Matarasso, *The Redemption of chivalry. A study of the Queste del Saint Graal*, Genève, Droz, 1979, p. 245-255.

<sup>9</sup> Marie-Pascale Halary, “‘Ge sui noire, mais ge sui bele’: en français dans le texte”, *Le Cantique des cantiques dans les Lettres françaises*, éd. Alessandra Preda, Paris, Les Belles Lettres, a ser publicado.

de são Paulo (1 Cor 2, 9 e 2 Cor 12, 4) e Is 64, 3. Pode-se notar igualmente a convocação de imagens (o coração de Lancelot, duro como a pedra, ou as “*bones puceles*” [boas virgens] da *Queste* “*aussi pures et netes come la flor de lis*” [tão puras e imaculadas quanto a flor de lis], e uma refinada arte do uso da parábola (são retomadas as parábolas dos talentos, do publicano, do banquete de bodas, da ovelha perdida, etc). Notemos, enfim, que as fórmulas “*en semblance d’homme*” [em aparência de homem] ou “*en semblance d’enfant*” [em aparência de criança], próximas dos *sicut* de aproximação usados no Apocalipse, são freqüentemente utilizadas para amenizar os contornos excessivamente precisos de uma visão.

As alusões às figuras do Antigo ou do Novo Testamento (Abel e Caim, Jonas, Daniel, Absalão, Sansão, Salomão, Simeão) são, sem dúvida, próprias a sublinhar o caráter bíblico das prosas do Graal. A *Queste* e, de maneira geral, os *Hauts Livres* marcam um passo a mais, transformando algumas destas figuras em personagens. Cristo ocupa uma posição primordial. Em Robert de Boron, ele aparece a José de Arimateia preso pelos Judeus e lhe devolve o Graal; no final da *Queste*, ele vem anunciar que o *Saint Vessel* [Santo Cálice] e a Lança que sangra partirão deste reino arturiano que não soube purgar seus pecados. Durante as liturgias de Cobernic, ele parece *en semblance* [em aparência] de Crucificado, e se dirige diretamente aos cavaleiros eleitos. Mais surpreendente ainda é a elaboração pela ficção de um Cristo da cavalaria, chamado Galaad, segundo o nome dado pela Bíblia a uma região, e que a exegese mística do Cântico dos Cânticos atribui a Cristo, nome que Lancelot explica por sua vez aproximando-o de “Gales”. Uma tal *translatio* da matéria de Palestina à matéria de Bretanha não constitui um fato isolado, pois ela é o objeto em si do projeto de Robert de Boron. Na narração escrita por ele, em um procedimento que se funda sobre a referência dupla, bíblica e celta, o cunhado de José de Arimateia é chamado ora de Hébron, ora de Bron (ou Bran). Ao lado de Cristo, José de Arimateia deve aos romances do Graal sua entrada na literatura, pois ele se apresenta ora como o cavaleiro “descobridor” e depositário do Santo Graal, ora – por causa de uma confusão com Flavius Joseph presente em *Perlesvaus* – como o bom clérigo que transpôs os *Hauts Livres* do latim à língua romance. Outros personagens poderiam ser evocados, como Salomão, que mandou construir uma *nef* [nau] para ligar, cruzando mares e séculos, os tempos bíblicos aos tempos arturianos.

O surgimento da prosa, preferida ao verso para transmitir a verdade dos mistérios do Graal<sup>10</sup>, coincide com as duas vastas construções cíclicas que se fundamentam nos *Hauts Livres* do Graal: a trilogia atribuída a Robert de Boron (*Joseph d'Armathie, Merlin, Perceval*) e o ciclo do *Lancelot-Graal* (*Estoire del Saint-Graal, Merlin, Lancelot propre, Queste del Saint Graal, Mort Artu*). Dentro dessas arquiteturas totalizantes, que formam o lado romanesco das catedrais ou sumas teológicas do século XIII (Panofsky, 1978), o modelo bíblico exerce uma função de grande importância: durante muito tempo, os estudos quiseram entender o trio *Lancelot-Queste-Mort Artu* como uma outra narração que “reproduz[iria] simbolicamente, a partir de um herói central, a história da humanidade com o anúncio de um Messias (Galaad) em *Lancelot*, um tipo de Antigo Testamento, repleto de fatos como o das Escrituras, realização das profecias na *Queste*, e depois de um apocalipse (fim do mundo arturiano) uma Redenção final nas últimas páginas da *Mort Artu*, que corresponderiam a um Juízo Final” (Micha, 1987: 308). Uma tal interpretação confere sem dúvida um peso excessivo à *Queste*, pois o modelo bíblico não é igualmente dividido ou mobilizado em todas as partes deste ciclo. Melhor seria distinguir, em torno da *Estoire* e em torno da *Queste*, dois pólos organizadores, impondo um esquema binário Antigo Testamento/Novo Testamento. Como a *Estoire del Saint Graal* se apresenta ao mesmo tempo como um texto da Gênesis e do Êxodo, e, na sua última parte, do Livro dos Reis, ela preencheria, sob o plano vétero-testamentário, uma função comparável àquela assumida pela *Queste* sob o plano neo-testamentário do ciclo Moran, 2014: 449 sq.). O Graal, transportado na arca mosaica da *Estoire*, insere-se na mesa litúrgica da *Queste* conforme a palavra de Cristo, que funda a renovação da Aliança sobre a taça eucarística (Lc 22, 19).

Segundo o modelo do texto bíblico, que pede seu próprio comentário, o *Perlesvaus*, e sobretudo a *Queste del Saint Graal*, suscitam uma narração dupla onde as aventuras e maravilhas encontradas pelos cavaleiros são confrontadas à glosa proposta pelos *prodomes* (monges, padres ou ermitões) encarregados de extrair a *senefiance* [o sentido] que nelas se encontra. Os métodos de exegese bíblica estabelecidos pelos Pais da Igreja fornecem a estrutura narrativa da *Queste*, escrita e interpretada em níveis diversos, assim como o texto sagrado: texto e metatexto são justapostos (Todorov, 1971: 129-150), como nos manuscritos bíblicos da mesma época. Após ter permitido que o hermeneuta estabeleça o sentido literal, o autor privilegia ora o sentido tropológico (facilmente acessível a Gauvain e seus pares), ora o sentido alegórico (quando Galaad liberta os jovens

---

<sup>10</sup> Para vários especialistas, a passagem dos romances à prosa em torno de 1200 corresponde a uma imitação da prosa narrativa bíblica. De fato, os únicos modelos de prosa francesa são, até esse momento, textos religiosos (sermões, tratados edificantes, narrações hagiográficas traduzidas do latim). Em latim, a prosa serve à expressão do sagrado pois ela é a linguagem da exegese e da pregação: “é, aos olhos da Idade Média, o da Bíblia em si”, destaca Michel Zink (*La Subjectivité littéraire*, Paris, PUF, 1985, p. 69). Concebida, seguindo Isidoro de Sevilha, que aproxima *prosa* de *pr(o)sum*, como um modo de expressão direta, distante das sinuosidades falsas do verso, a prosa “é a língua de Deus” (*ibid.*).

prisioneiros de um castelo que representa o inferno), e outras vezes o sentido anagógico como quando, por exemplo, as aventuras derradeiras da *Queste* remetem à visão nua dos segredos do Graal. Estes romances à *senefiance* [sentido codificado, pedindo várias interpretações] repousam portanto sobre uma “exegese espalhada” não somente por utilizar de maneira não sistemática o sentido figurado, mas também porque, se na *Queste* predomina o sentido moral, a construção de *Perlesvaus* baseia-se inteiramente no sentido tipológico, opondo à Nova Lei que os cavaleiros devem promover uma Lei Antiga, com a qual acabam se confundindo o conjunto das aventuras e dos maus costumes.

### ***Dissemblances: as dessemelhanças distintivas***

Em relação ao texto bíblico tal como ele é assumido pelo discurso eclesiástico, convém todavia marcar um certo número de diferenças. Após ter procurado a fonte latina de uma “História do Graal”, o monge cisterciense Hélinand de Froidmont, em torno do ano 1220, decide, de fato, apresentar o Graal como um utensílio de luxo pertencendo a um serviço de mesa aristocrático, e insiste na tese de que a história só existiria em francês<sup>11</sup>. Esta dupla característica, que associa o grupo dos grandes leigos aos textos em língua romana, é repleta de sentidos.

Se Galaad se oferece como um bom exemplo de *figura Christi*, ele permanece, de fato, antes de tudo um cavaleiro: desde o início da *Queste* e logo quando ele entra em cena em um episódio que se inspira diretamente na aparição aos discípulos de Cristo ressuscitado (Jn 20, 19), um torneio é organizado, que permite medir sua valentia *terriene* [mundana]. Nos *Hauts Livres* do Graal, a cavalaria não é chamada a renunciar a si mesma mas a realizar, por intermédio da mais alta qualidade promovida pela sociedade pós-gregoriana dos séculos XII e XIII, o valor espiritual que os clérigos reivindicam para si mesmos e que eles negam aos leigos, reduzidos a seres carnis. Se as aventuras do Graal não se resumem a grandes golpes de espada e lança, almejando “realidades espirituais, mais altas e dotadas de um valor maior [*des choses esperituex, qui sont graindres et mielz vaillant assez*]”, e sobretudo se a demanda pede a “mudança de cada um” (“*muer l'estre de chascun*”), a conversão em questão não pretende mudar a *ordo*, abandonando a cavalaria (como no caso do *moniage*). Ela repousa sobre a captação de valores espirituais. Tal é o vasto projeto para o qual a Bíblia é solicitada, da mesma forma que duas outras fontes sobre as quais se constrói a cultura cristã da primeira Idade Média até a transição marcada pelos séculos XII e XIII, ou seja, a patrística e a liturgia (Valette, 2008). Seja nas missas da *Estoire* ou nas liturgias de Cobernic, na luz trazida e composta pelos escritos vindos da teologia monástica (em particular, a cisterciense) ou da

---

<sup>11</sup> Hélinand de Froidmont, *Chronicon, Patrologie Latine*, t. 212, col. 814-815.

convocação de reminiscências bíblicas, a orientação leiga se impõe, captando o discurso eclesiástico para que ele sirva seus próprios fins<sup>12</sup>.

Dentro do que se apresenta, pelo menos em aparência — *en semblance* —, como uma versão “eclesiástica<sup>13</sup>”, este tipo de discurso pode parecer onipresente. De fato, a trilogia de Robert de Boron abre-se com a fórmula “*Savoir doivent tous les pécheurs...*” [Todos os pecadores devem saber...] e junta-se à ficção somente depois de um longo desvio, que procura expor a economia da salvação através de várias referências à Escritura. Da mesma maneira, as narrações “*a senefiance*” (a *Queste* sendo uma das primeiras entre elas) colocam as aventuras sob a autoridade de uma glosa. No entanto, graças a vários procedimentos, esses romances evitam todo tipo de mediação eclesiástica (Andrieu; Valette, 2014: 29-63). Dentro da *Queste*, portanto, os detentores do sentido, designados pelo termo neutro de *prodomes*, são na maioria das vezes ermitões (e não homens de igreja), geralmente antigos cavaleiros. O autor de *Joseph d’Arimateia*, que não se deu por satisfeito em apresentar seu herói epônimo como um cavaleiro, convoca uma segunda relíquia (o véu de Verônica) para que, nesta ficção polarizada em três lugares (Jerusalém, Roma e Bretanha), o traslado do Graal possa contornar e ultrapassar a Itália pontifical e romana para chegar à Cornualha, coração da lenda arturiana. Nesta “tradição de José de Arimateia esquecida dos apóstolos e dos papas (Bonney, 1965: 19)”, figuram cavaleiros que, através de seus próprios esforços, beneficiam-se da visão de Deus. Trata-se, evidentemente, de Galaad da *Queste*. mas também de Mordrain da *Estoire del Saint Graal*, que pode contemplar, mergulhando o olhar no fundo do Graal, “a grande audácia, a origem de grandes proezas, a busca de grandes saberes, o fundamento das religiões, a manifestação das grandes traições, a revelação das grandes maravilhas, o fim das ações valorosas e dos sentimentos nobres, a maravilha de todas as outras maravilhas : Deus<sup>14</sup>”. Segundo uma tradição cultivada pelo gênero da História eclesiástica, Deus se define em primeiro lugar neste contexto pela referência à origem e ao fim das ações humanas, que são as façanhas cavaleirescas. Sob esse aspecto, o *Perlesvaus*, em um trecho único, vai além desta ideia quando explica que Deus se preocupa tanto com o prazer dos cavaleiros que não hesita em modificar a *semblance* das ilhas onde as aventuras acontecem, para que os defensores da Nova Lei não sejam tomados pelo tédio.

Juntando as relíquias da Paixão em torno do Santo Graal, este último romance, assim como os *Hauts Livres*, pretende recolher os benefícios de uma espiritualização da cavalaria, que se apóia

---

<sup>12</sup> Ver Anita Guerreau-Jalabert, “Le Temps des créations (XI<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> siècle)”, em *Histoire culturelle de la France*, dir. Jean-Pierre Rioux et Jean-François Sirinelli, t. 1, Michel Sot, Jean-Patrice Boudet, Anita Guerreau-Jalabert, *Le Moyen Âge*, Paris, Seuil, 2005 [1997], p. 115-258.

<sup>13</sup> Como destaca com insistência Jean Frappier, “esta versão ‘eclesiástica’ não deixa de ser uma versão ‘cavaleiresca’” (“Le Graal et la chevalerie” [1954], em *Id.*, *Autour du Graal*, Genève, Droz, 1977, p. 103).

<sup>14</sup> *Joseph d’Arimateia*, ed. e trad. de Gérard Gros, *Le Livre du Graal*, t. 1, éd. dir. par Ph. Walter, Paris, 2001, § 158.

sobre “a encenação do elemento cujo valor simbólico é o mais alto, portanto o mais propenso a legitimá-la: o sangue de Cristo” (Guerreau-Jalabert, 1995: 148). Tal é o aspecto que retém a atenção de René d'Anjou três séculos depois, apresentando uma das obras que o inspiram como o “livro da conquista do Sangue Greal<sup>15</sup>”. Assim, para vários historiadores, “em sua estranheza, os textos literários [...] são testemunhas de um debate entre a Igreja e a aristocracia leiga, e a reivindicação de uma definição espiritual do que constitui o cavaleiro” (Toubert, 2011: 317). Segundo Patrick Henriot, os romances do Graal são “o lugar de predicação onde se expressa, de fato, de maneira codificada, não unívoca e freqüentemente difícil de decifrar, a vontade aristocrática de construir sob o plano ideal um sagrado não eclesiástico” (Henriot, 2013/2: 433). Devemos destacar o fato de que, já em 1954, Jean Frappier evocava a “reivindicação mística de uma classe ou casta” (Frappier, 1977: 114).

### **Ler en semblance**

Por ter permitido que o romance surgido meio século antes “[se] constitua em uma escrita autônoma” (segundo a fórmula de Emmanuèle Baumgartner), os *Hauts Livres* do Graal não perseguem unicamente um objetivo estético; eles preenchem igualmente uma função sócio-histórica, entrando em concorrência no campo do sagrado com as obras compostas por clérigos. Mas como ler esses romances que se nutrem de *semblances* bíblicas, concedendo um grande espaço aos discursos da *senefiance*, e fundando a Távola Redonda em *remembrance* [lembrança, memória] da Mesa da Santa Ceia? Uma parte da resposta depende da atenção ao aspecto enunciativo.

Esta pergunta deve ser colocada, pois de fato, o termo de literatura é, para a Idade Média, ambíguo, “ao mesmo tempo inadequado e insubstituível<sup>16</sup>”, e a fronteira que separa os romances do Graal dos textos apócrifos é permeável (Bozoky, 1983: 436-438). O *Joseph* de Robert de Boron utiliza dados fornecidos pela História santa, tradições dos evangelhos ou dos pseudo-evangelhos (o Protoevangelho de Thiago para a tradição do nascimento da Virgem, filha de Joaquim e de Ana, o Evangelho de Nicodemo para a encarceração de José, culpado de ter pedido o corpo de Cristo a Pôncio Pilatos, assim como para uma aparição de Jesus a José), a uma certa quantidade de textos pseudo-históricos (*Cura sanitatis Tiberii*, *Vindicta Salvatoris*). É somente no último terço da obra, no momento em que os heróis tocam as margens da Bretanha, que a influência destas fontes diminui. A influência do Evangelho de Nicodemo se estende à segunda parte da trilogia de Robert

---

<sup>15</sup> René d'Anjou, *Le Livre du cœur d'amour épris*, ed. e trad. Florence Bouchet, LGF (“Lettres gothiques”), 2003, p. 62.

<sup>16</sup> Michel Zink, “Littérature(s)”, *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval*, dir. Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, Paris, Fayard, 1999, p. 610. Ver também Jean-René Valette, “Le Moyen Âge et l'idée de littérature”, em Joëlle Ducos, Olivier Soutet e Jean-René Valette, *Le français médiéval par les textes*, Paris, Champion, 2016, p. 50-63.

pois o *Merlin* se inicia com uma surpreendente assembleia de diabos. Em seguida, o herói epônimo reivindicará, para contar suas ações, o estatuto de apócrifo, segundo o que ele diz à Blaise, seu escrivão: “Teu livro será lido e ouvido por toda parte; mas não terá plena autoridade pois tu não és nem podes ser um apóstolo. Os apóstolos nada escreveram sobre Jesus Cristo sem tê-lo visto ou ouvido; tu não viste nada, não ouviste nada, tu só sabes o que eu te conto<sup>17</sup>”.

Considerando o prólogo que abre o *Perlesvaus*, esta mesma pergunta é feita de maneira ainda mais ambígua, pois o narrador atribui ao romance a dignidade reservada aos livros da Bíblia: “De Deus vem [*muet*] o Alto Conto do Graal”, ele afirma, antes de mencionar as instâncias que formam a cadeia enunciativa: o anjo que transmite por sua voz a revelação divina, e em seguida o bom clero Joséphé que a coloca *en remembrance*, e por fim o leitor. Este tipo de apresentação se aparenta àquela sugerida pelo versículo tão comentado na Idade Média: “Da tua alta morada regas os montes ; a terra se farta do fruto das tuas obras”, (Sl 103, 13), a alta morada remetendo à sabedoria divina que nutre os mestres (as montanhas) para que, através de sua predicação, esta sabedoria seja comunicada aos leigos (a terra).

Um último exemplo pode ser mencionado. Se, na ordem do enunciado, o ciclo do *Lancelot* em prosa se constrói em torno de Lancelot e Galaad, o pai e o filho, respectivamente exemplos de todo tipo de cavalaria, *terriene* ou *celestiele*, ele subordina a enunciação romanesca à figura e à palavra de José de Arimateia, a quem Cristo em pessoa deu à guarda o Sangue Precioso e cuja *auctoritas* garante a verdade dos *Hauts Livres* do Graal. A obra de Robert de Boron preenche neste sentido uma função fundamental. “O que seria a Bíblia sem a literatura?”, finge se interrogar Carlo Ossola (2013: 66). Certo é que os romances do Graal garantiram à figura discreta vinda dos Evangelhos canônicos uma fortuna considerável antes que as Paixões do fim da Idade Média os substituíssem. Marcos e Lucas indicam que José de Arimateia foi um membro notável do Sinédrio, título que a Vulgata traduziu por *decurio* (*nobilis decurio*), transformando-o por erro em um guerreiro, um *miles*. Este erro de compreensão continuou a desempenhar um papel essencial. Associando a cavalaria à Paixão, ele contribuiu a apresentá-la como a verdadeira Igreja, fundada, na morte de Jesus, por um cavaleiro. Segundo Joseph Morsel, convém todavia não sobrestimar a influência desta substituição. Sem dúvida as narrações cavaleirescas “marginalizam, ou até eliminam completamente o clero da ordem social em benefício dos cavaleiros, unicamente”; sem dúvida a demanda do Graal os envia no caminho da aprendizagem dos segredos de Deus, “o que coloca os cavaleiros em uma posição equivalente à do clero”. Também é verdade que esta temática marca “uma espiritualização bem definida da cavalaria”. Mesmo assim. A dominação da Igreja não é questionada pois “é dentro do sistema ideológico construído e defendido pelo clero que se molda a

---

<sup>17</sup> Robert de Boron, *Merlin, roman du XIII<sup>e</sup> siècle*, trad. por Alexandre Micha, Genève, Droz, 1994, § 16, p. 54.



aristocracia leiga”, nota Joseph Morsel, que vê nisto “de alguma maneira, a derrota ideológica da aristocracia leiga” (Morsel, 2004: 162-163). Esta derrota poderia explicar a diminuição da produção cortesã durante a segunda metade do século XIII.

Este tipo de observação pode explicar o silêncio da Igreja, muitas vezes notado (Valette, 2015: 261-276). “Jamais a Igreja apropriou-se da aventura do Graal”, observa Jean Marx (1952: 7), e pode-se entender porquê, devido aos aspectos sócio-históricos acima evocados. Jamais também ela a condenou, provavelmente por causa de seu caráter ficcional (Morsel, 2004: 160). Uma outra razão merece ser lembrada. Dentro do jogo de contraponto que se instaura entre a Bíblia e a literatura do Graal, fundado sobre o Mesmo e o Outro, sobre a aprovação ou a distância distintiva, pode-se isolar a aprovação, considerá-la em si, e argumentar, com Marie-Dominique Chenu, a favor da “autenticidade teológica da *Queste del Saint Graal*<sup>18</sup>” (Chenu, 1995: 78-79). A figura do cavaleiro vale portanto pelo homem em geral, independente de sua situação sócio-histórica, o que autorizam não somente os livros de Jó (7, 1) e São Paulo (1 Cor. 9, 24-27) (Bourguignon; Wenner, 1953) mas ainda, como Xavier Storelli o mostra, o uso anacrônico feito pela historiografia anglo-normanda do século XII (Storelli, 2006: 95-96). Deve-se todavia esperar a obra de Chrétien de Troyes para que a figura cavaleiresca seja fixada de maneira firme em sua acronia. Graças a ela, de fato, “o mundo arturiano tornou-se mitológico e quase atemporal”: “é doravante uma utopia aberta à aventura e ao percurso simbólico do herói onde predomina a demanda do sentido. Somente então a ficção cortesã e cavaleiresca destaca-se da matéria histórica de sua origem<sup>19</sup>” (Storelli, 2006: 136-137). Podemos ver que, se apresentando *en semblance* de *Hauts Livres* bíblicos, os romances do Graal permitem considerar a figura espiritualizada do cavaleiro do ponto de vista do ideal descontextualizado<sup>20</sup> como do ponto do “ideal”, ou seja do “pensamento em todas as suas funções, presente e ativo em todas as atividades do homem, que só existe em sociedade” (Godelier, 2010: 199).

\*

Se a Bíblia dos Cristãos está presente por toda parte, seja qual for o ponto de vista do Ocidente dos séculos VI a XV sobre ela, é sem dúvida porque, como Guy Lobreichon escreve, ela “serviu de lugar de identidade” e esteve na “origem dos conhecimentos convocados”. Mas é

---

<sup>18</sup> Nesta perspectiva, se inscreveram Irénée Valléry-Radot, “La *Queste del Saint Graal*, roman cistercien”, *Collectanea ordinis cisterciensium reformatorem*, 18, 1956, p. 3 sq., p. 199 sq. e p. 321 sq. e Jérôme du Halgouët, “Poètes oubliés”, *Collectanea...*, 20, p. 128 sq. et p. 227 sq.

<sup>19</sup> Ver também Dominique Barthélémy, *La Chevalerie. De la Germanie antique à la France du XII<sup>e</sup> siècle*, Paris, Fayard, 2007, p. 461 sq.

<sup>20</sup> Desde então, a figura do cavaleiro permanece aberta a todo tipo de reinvestimentos. No início do *Roi pêcheur*, Julien Gracq vê, de fato, a camaradagem da Távola Redonda como uma “resposta – ao éco indefinido – a certos aspectos bem típicos de fenômenos contemporâneos, entre os quais o surrealismo” e na côrte fabulosa de Artus “de repente um amplificador inesperado às mudanças sedutoras e aos furacões que se manifestavam em torno de 1922 nas varandas banais de alguns cafés parisienses”? (“Avant-propos», Paris, Corti, 1948, p. 12-13).

também, como ele acrescenta, porque ela “interveio no núcleo do processo de criação literária da Idade Média” (Lobrichon, 2003: 28). Os especialistas distinguem habitualmente dois períodos na história da literatura francesa na Idade Média. O primeiro faz parte do que o que Michel Zink chama de “literatura francesa à sombra da Igreja” (Zink, 2014: 54 sq.), na qual se incluem os textos romanos dos séculos IX a XI, começando pelos textos hagiográficos, fortemente marcados pela influência bíblica. Se a literatura francesa “só tivesse conhecido este primeiro nascimento”, como ele explica, “ela teria desfalecido à sombra das letras latinas”. Mas nos últimos anos do século XII manifesta-se “um segundo nascimento, mais súbito que o primeiro, mais surpreendente et com conseqüências mais fecundas” (Zink, 2014: 36). Estreitamente ligado ao fenômeno cortês, este segundo início, no qual se desenvolvem as canções de gesta, a lírica amorosa, o romance, implicava que a aristocracia tomasse consciência de ter seus valores próprios, diferentes dos valores dos cleros, e que o cavaleiro pudesse se tornar, ao lado do santo, um outro modelo possível. A literatura em língua vulgar se empenha a enfrentar o que um trabalho recente chamou de “desafio leigo” (Imbach; König-Pralong, 2013).

Ao primeiro nascimento estão ligadas as traduções da Bíblia em francês<sup>21</sup>, desde os primeiros sinais de uma atividade de tradução, no século X, ao Saltério triplo de Eadwin (c. 1150), à Bíblia de Herman de Valenciennes (fim do século XII), a Macé de la Charité, Raoul de Presles ou Guiard des Moulins e até às Bíblias históricas. Os *Hauts Livres* do Graal, quanto a eles, pertencem ao segundo movimento<sup>22</sup>. Longe de ser exterior ao desenvolvimento dos textos “profanos”, a língua da Bíblia, como vimos, alimenta a “língua do cavaleiro” (Toubert, 2011: 316-317), graças a uma poética do contraponto fundamentada sobre a *semblance* – semelhança – e a *dissemblance* – dessemelhança, em outros termos sobre os jogos de analogia (Guerreau-Jalabert, 2013: 290-295). Nos séculos XII e XIII, entre o mundo eclesiástico e o mundo leigo, as transferências culturais se multiplicam, orientadas pelas formas sociais “eminente codificadas (rituais, discursos internos, literatura)” (Morsel, 2004: 166) que reveste a concorrência entre duas frações da aristocracia. Ao lado da literatura do Graal, o amor cortês — primeiro ideal leigo, segundo a fórmula de Jacques Le Goff — ofereceria um outro exemplo desta mesma dialética do carnal e do espiritual<sup>23</sup>, no momento em que “os valores descem do céu sobre a terra<sup>24</sup>”.

---

<sup>21</sup> *Les Bibles en français. Histoire illustrée du Moyen Âge à nos jours*, dir. Pierre-Maurice Bogaert, Turnhout, Brepols, 1991.

<sup>22</sup> Sur les traductions et les réécritures littéraires de la Bible, voir *Écrire la Bible en français au Moyen Âge et à la Renaissance*, dir. Véronique Ferrer et Jean-René Valette, Genève, Droz, 2017.

<sup>23</sup> *L'Unique change de scène. Écritures spirituelles et discours amoureux (XII<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècle)*, dir. V. Ferrer et B. Marczuk, Paris, Classiques Garnier, 2016.

<sup>24</sup> Jacques Le Goff, “Préface”, Gervais de Tilbury, *Le Livre des merveilles*, traduit et commenté par Annie Duchesne, Paris, Les Belles Lettres, 1992, p. XII.

## Referências Bibliográficas

### Obras literárias

*Joseph d'Armathie*, [2001]. Ed. e trad. de Gérard Gros, *Le Livre du Graal*, t. 1, ed. dir. par Ph. Walter, Paris.

Chrétien de Troyes. *Perceval, ou le Conte du Graal*.

Hélinand de Froidmont. *Chronicon, Patrologie Latine*, t. 212, col. 814-815.

René d'Anjou, [2003]. *Le Livre du cœur d'amour épris*, ed. e trad. Florence Bouchet, LGF (“Lettres gothiques”).

Robert de Boron, [1994]. *Merlin, roman du XIII<sup>e</sup> siècle*, trad. por Alexandre Micha, Genève, Droz.

### Teoria e análise

ANDRIEU, É.; VALETTE, J.-R., [2014]. “Du personnage de Guillaume d'Orange au chevalier *celestiel* : itinéraires de conversion et communautés textuelles (XII<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> siècle)”, *La Conversion. Textes et réalités*, dir. Didier Boisson e Elisabeth Pinto-Mathieu, Presses Universitaires de Rennes.

BARTHELEMY, D., [2007]. *La Chevalerie. De la Germanie antique à la France du XII<sup>e</sup> siècle*, Paris, Fayard.

BAUMGARTNER, E., [1994]. “L'écriture romanesque et son modèle scripturaire : écriture et réécriture du Graal” [1985], *De l'Histoire de Troie au Livre du Graal. Le temps, le récit (XII<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> siècles)*, Orléans, Paradigme.

\_\_\_\_\_; ANDRIEUX-REIX, N., [2002]. “De *semblance* en *vraie semblance* : exemple d'un parcours du *Merlin* à la *Queste*”, *Comme la lettre dit la vie. Mélanges offerts à Michèle Perret*, dir. Dominique Lagorgette et Marielle Lignereux, *Linx*, numéro spécial.

BOGAERT, P.-M. (dir.), [1991]. *Les Bibles en français. Histoire illustrée du Moyen Âge à nos jours*, Turnhout, Brepols.

BONNEFOY, Y., [1965]. “Les romans arthuriens et la légende du Graal”, *La Quête du Graal*, éd. Albert Béguin et Yves Bonnefoy, Paris, Seuil.

BOURGUIGNON, P.; WENNER, F., [1953]. “Combat spirituel”, *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique*, t. 2.

BOZOKY, E., [1983]. “Les apocryphes bibliques”, *Le Moyen Âge et la Bible*, dir. Pierre Riché e Guy Lobrion, Paris, Beauchesne.

CHENU, M.-D., [1995]. “*Involucrum* : le mythe selon les théologiens médiévaux”, *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge*, 22.

FERRER, V.; MARCZUK, B., [2016]. *L'Unique change de scène. Écritures spirituelles et discours amoureux (XII<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècle)*, Paris, Classiques Garnier.

\_\_\_\_\_; VALETTE, J.-R. (dir.), [2017]. *Écrire la Bible en français au Moyen Âge et à la Renaissance*, Genève, Droz.

FRAPPIER, J., [1977]. “Le Graal et la chevalerie”, *Autour du Graal*, Genève, Droz.

GODELIER, M., [2010]. “La part idéale du réel”, *L’Idéal et le matériel. Pensée, économie, sociétés*, Paris, Flammarion, (1984).

GRACQ, J., [1948]. *Le Roi pêcheur*, « Avant-propos », Paris, Corti.

GUERREAU-JALABERT, A., [1995]. “Fées et chevalerie : observations sur le sens social d’un thème dit merveilleux”, *Miracles, prodiges et merveilles au Moyen Age*, Paris, Publications de la Sorbonne.

\_\_\_\_\_, [2005]. “Le Temps des créations (XI<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> siècle)”, em *Histoire culturelle de la France*, dir. Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli, t. 1, Michel Sot, Jean-Patrice Boudet, Anita Guerreau-Jalabert, *Le Moyen Âge*, Paris, Seuil, (1997)

\_\_\_\_\_, [2013]. “*Spiritus et caro*, une matrice d’analogie généralisée”, *L’Image en question. Pour Jean Wirth*, dir. Frédéric Elsig et al., Genève, Droz.

HALARY, M.-P., [a ser publicado]. ““Ge sui noire, mais ge sui bele” : en français dans le texte”, *Le Cantique des cantiques dans les Lettres françaises*, éd. Alessandra Preda, Paris, Les Belles Lettres.

HALGOUËT, J. du, [1956]. “Poètes oubliés”, *Collectanea ordinis cisterciensium reformatorum*, 20.

HENRIET, P., [2013/2]. Compte rendu de *Chevalerie et christianisme aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècle*, Pierre Toubert, dir. Martin Aurell e Catalina Girbea, Rennes, in: *Revue historique*, 666, 2013/2, p. 433.

IMBACH, R.; KÖNIG-PRALONG, C., [2013]. *Le Défi laïque. Existe-t-il une philosophie de laïcs au Moyen Âge ?*, Paris, Vrin.

KELLY, D., [1993]. *Medieval French Romance*, Twayne Publisher-Maxwell Macmillan Canada.

LE GOFF, J., [1992]. “Préface”, Gervais de Tilbury, *Le Livre des merveilles*, traduit et commenté par Annie Duchesne, Paris, Les Belles Lettres.

LE HIR, Y., [1951]. “L’élément biblique dans la *Queste du Graal*”, *Lumière du Graal*, dir. René Nelli, Paris, Les Cahiers du Sud.

LOBRICHON, G., [2003]. *La Bible au Moyen Âge*, Paris, Picard.

MARX, J., [1952]. *La Légende arthurienne et le Graal*, Paris, PUF.

MATARASSO, P., [1979]. *The Redemption of chivalry. A study of the Queste del Saint Graal*, Genève, Droz.

MICHA, A., [1987]. *Essais sur le cycle du Lancelot-Graal*, Genève, Droz.

- MORAN, P., [2014]. *Le réseau inter-romanesque dans le cycle du Graal du XIII<sup>e</sup> siècle*, Paris, Champion, (“Le modèle biblique”, p. 449 sq.).
- MORSEL, J., [2004]. *L’aristocratie médiévale, La domination sociale en Occident (V<sup>e</sup>-IX<sup>e</sup> siècle)*, Paris, Armand Colin.
- OSSOLA, C., [2013]. *Le Continent intérieur*, trad. do italiano por Nadine Le Lirzin, Paris, Éditions du Félin.
- PANOFSKY, E., [1978]. *Architecture gothique et pensée scolastique* [1951], tradução e posfácio de Pierre Bourdieu, Paris, Minuit.
- STORELLI, X., [2006]. “La chevalerie comme catégorie achronique dans l’historiographie anglo-normande du XII<sup>e</sup> siècle”, *Mito e storia nella tradizione cavalleresca*, Spoleto, Fondazione Centro di Studi sull’Alto Medioevo.
- TODOROV, T., [1971]. “La quête du récit : le Graal”, *Poétique de la prose*, Paris, Seuil.
- TOUBERT, P. et al., [2011]. “Conclusion”, *Chevalerie et christianisme aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles*, dir. Martin Aurell e Catalina Girbea, Rennes.
- VALETTE, J.-R., [2008]. *La Pensée du Graal. Fiction littéraire et théologie (XII<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> siècle)*, Paris, Champion.
- VALETTE, J.-R., [2015]. “Le Graal et le silence de l’Église”, *Revue d’Histoire de l’Eglise de France*, 101.
- \_\_\_\_\_, [2016a]. “Le Moyen Âge et l’idée de littérature”, em Joëlle Ducos, Olivier Soutet e Jean-René Valette, *Le français médiéval par les textes*, Paris, Champion.
- \_\_\_\_\_, [2016b]. “Les romans du Graal”, publicada no dicionário dirigido por Sylvie Parizet, *La Bible dans les littératures du monde*, Paris, Cerf, 2016, vol. 2, p. 1330-1334.
- VALLERY-RADOT, I., [1956]. “La *Queste del Saint Graal*, roman cistercien”, *Collectanea ordinis cisterciensium reformatorum*, 18.
- ZINK, M., [1999]. “Littérature(s)”, *Dictionnaire raisonné de l’Occident médiéval*, dir. Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, Paris, Fayard.
- \_\_\_\_\_, [2014]. *Littérature française du Moyen Âge*, Paris, PUF, (1992).